

Mais próximos daquelas características, apesar de tudo, estariam, em 1875, os seus *A Comarca de Escada*, *O Desabuso* e a curiosíssima *Deutscher Kämpfer*; em 1876, *O Povo da Escada*; em 1877, *A Igualdade*; e de que estariam distantes o de 1879, *Contra a Hipocrisia*, e a revista mensal de 1881 *Estudos Alemães*. Eram apenas formas de exteriorização do espírito inquieto de Tobias Barreto, produtos personalíssimos e não o resultado do esforço coletivo e combinado de um grupo, nível a que a imprensa já atingira por essa época. *A Gazeta de Notícias*, com Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro, Elísio Mendes e Henrique Chaves, jornalistas e não homens de letras, mostrava como a imprensa brasileira conquistara características definitivas.

Na capital paulista, o *Diário de São Paulo*, fundado em 1865 por Pedro Taques de Almeida Alvim, Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra Júnior e Henrique Schroeder, proprietário da Tipografia Alemã, inaugurava, a 1º de junho de 1874, a primeira máquina ali de impressão de jornal em grande formato. O *Correio Paulistano*, fundado o Partido Republicano Paulista em 1872, tornara-se seu órgão e, comprado por Leôncio de Carvalho, em julho de 1874, adotara a linha reformista. Fechado o *Diário de São Paulo*, em 1878, o material de impressão que permitia o grande formato passou ao *Correio Paulistano* que, desde dezembro de 1887, defendia os conservadores. Essas flutuações na orientação mostram como a longa existência de alguns jornais, entre nós, carece de significação. Em 1882 assumira a direção do *Correio Paulistano* Antônio Prado, que levaria o jornal, em 1887, a fazer-se abolicionista, para, em junho de 1889, com os liberais no poder, exercer severa oposição, mas na linha monarquista, e, com os acontecimentos de 15 de novembro na Corte, ser o primeiro órgão a considerar irreversível a República. Sua tiragem, de 850 exemplares nesse ano, passou a 1800 e, em 1904, havia chegado a 8500. Foi o primeiro jornal paulista impresso em rotativa, quando dirigido por Herculano de Freitas. Até aí, os jornais tinham apenas quatro páginas.

Em 1875, o ambiente em São Paulo refletia os acontecimentos que abalavam o país: terminara a guerra com o Paraguai há um lustro, surgira a tempestade da lei do Ventre Livre, os fazendeiros temiam o futuro, as idéias republicanas ganhavam adeptos em todas as áreas, realizara-se a Convenção de Itu, o abolicionismo alastrava-se. A imprensa do governo era ardorosa e disciplinada; sentia-se a necessidade de um jornal que, “não sendo republicano extremado, viesse discutir com serenidade os absorventes problemas do momento”. Para esse fim, constituiu-se uma sociedade em comandita, como “colossal empresa”, levantando 50 contos de réis de